

## AS TEORIAS MORFOLÓGICAS E LEXICAIS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS <sup>1</sup>

*MORPHOLOGICAL AND LEXICAL THEORIES IN THE CONTEXT OF WORDS FORMATION*

Délcia Pereira Pombo<sup>2</sup>  
Aline Batista Rodrigues<sup>3</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho busca apresentar um panorama dos estudos das teorias morfológicas e lexicais que se direcionam a assuntos nem sempre consensuais, ora concordam, ora discordam, ora se complementam, nos modelos descritos à luz dos pressupostos de Haspelmath & Sims (2010), Aronoff & Anshen (2001), Kenedy (2013), Basílio (2007, 2011) no contexto da formação de palavras. Os autores apresentam pressupostos da morfologia, inscrita no campo gramatical e estudada em diferentes modos de análise dos elementos para se compreender a estrutura interna das palavras, principalmente as mais complexas. Por outro lado, o léxico se ocupa em fornecer aos falantes uma lista de possibilidades possíveis de a língua ser realizada.

**Palavras-chave:** Morfologia. Léxico. Formação de Palavras

### **Abstract:**

This paper seeks to present a brief overview of the studies of morphological and lexical theories. These studies address subjects which are not always consensual, as they can agree, disagree, or complement each other, concerning the models described in the light of the

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado a partir das leituras obrigatórias e complementares, dos autores citados, para apresentação em Seminário na disciplina “Morfofossintaxe” ministrada pela Profª Dra. Ana Vilacy Galúcio.

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFPA, professora da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA) e da Secretaria Municipal de Educação em Concórdia do Pará, bolsista CAPES. E-mail: delciauab@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFPA, professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC/PA) E-mail: alinerodriguesufpa@gmail.com

assumptions of Haspelmath & Sims (2010), Aronoff & Anshen (2001), Kenedy (2013), Basilio (2007, 2011), in the context of word formation. The authors present morphology inscribed in the grammatical field and surveyed in different ways of analysis of the elements in order to understand the internal structure of the words, especially the more complex ones. On the other hand, in the lexicon, the speakers can find a list of possibilities to perform the language.

**Keywords:** Morphology. Lexicon. Word formation.

## Introdução

Na obra *Understanding morphology*, Haspelmath & Sims (2010) reservam um capítulo ao estudo do léxico, intitulado *Lexicon* e lá fazem uma análise da estrutura interna das palavras, centralizando seus esforços acerca dos processos derivacionais em questões relacionadas ao contexto da derivação e da flexão. Para os autores, o conteúdo do léxico, como dicionário mental do usuário da língua, é uma questão importante para qualquer teoria de morfologia porque os itens lexicais segundo Haspelmath & Sims (2010, p. 60), são os blocos de construção fundamentais da estrutura morfológica: “São as bases às quais se aplicam as regras morfológicas”<sup>4</sup>.

Como tal, se tem uma visão do léxico que afeta a análise da morfologia na estrutura das formas gerais. Essas evidências apontam para o léxico constituído principalmente de morfemas, e as regras que escrevem incidem em morfemas de base que fundamentam disposição e ordem dos elementos que os compõem. Como o interesse pelo estudo do léxico requer entender o papel que ele desempenha, nessa estrutura, verifica-se também as complicações que surgem com as teorias e, de imediato, se detectam dois problemas potenciais, a imprevisibilidade do significado e a falta de segmentação do morfema. É pertinente a ilustração feita por Haspelmath & Sims (2010, p. 61),

Por exemplo, o léxico de um falante de Inglês contém a palavra complexa *helpful*, a despeito do fato de que essa palavra é facilmente segmentada nos morfemas *help* e *-ful*, e totalmente previsível a partir do significado dessas partes? Aqui, há discordância<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> They are the bases to which morphological rules apply.

<sup>5</sup> For example, does an English speaker’s lexicon contain the complex word-form *helpful*, despite the fact that this word is easily segmented into the morphemes *help* and *-ful*, and fully predictable from the meaning of these parts? Here, there is disagreement

O exemplo mostra que a relação entre um significado e suas formas nem sempre se combinam porque as informações não são, de todo, previsíveis. Um morfema lexical aceita tantas informações quanto forem possíveis no âmbito geral dos princípios da morfologia, e, no léxico, se incluem apenas as informações que são imprevisíveis. A diferença está em compreender que a morfologia cria palavras regulares e o léxico armazena palavras irregulares. Então, a palavra é aquela que existe para um determinado ouvinte, pois pode ser compreendida por seu processo mental, enquanto que a palavra potencial é aquela que já está fixada por ser reconhecível por um determinado ouvinte, não por ela já estar fixada num léxico individual, mas por ela compreender um sentido previsível a partir da morfologia.

### **A morfologia de uma língua: parte da gramática que atua no domínio estrutural**

Aronoff & Anshen (2001, p. 237) explicam que se lida principalmente “com a estrutura interna das palavras complexas potenciais de uma língua”. De forma que o léxico de uma língua, em contraste, é uma lista de palavras existentes na língua que um falante tem de saber porque eles são sinais arbitrários e imprevisíveis, de alguma forma. Este ponto de vista é defendido por Aronoff & Anshen (2001, p. 37)

A morfologia regular e o léxico irregular são entidades separadas, pode-se imaginar que as duas têm muito pouco a ver uma com a outra, uma vez que a morfologia lida apenas com palavras potenciais e o léxico, apenas com palavras que já existem.<sup>6</sup>

Embora os sistemas morfológicos e lexicais apresentem pontos dissonantes, se observa que os dois têm muito em comum por duas razões muito simples: ambos fornecem palavras e exploram, separadamente, a interdependência dessas relações, consideradas rivais por Aronoff & Anshen (2001, p. 237). Embora as duas entidades compartilhem uma tarefa é possível delinear que a morfologia trata de palavras potenciais, e, o léxico, tem como foco palavras que existem, estão listadas no dicionário mental do falante. Cada uma delas adota a forma mais propícia para dispor elementos a inserir na formação de palavras e que passará a fazer

---

<sup>6</sup> The regular morphology and the irregular lexicon are separate entities, one might imagine the two having very little to do with one another, since the morphology deals only with potential words and the lexicon only with existing words

parte do vocabulário do usuário da língua. Que palavras são então armazenadas? Para os autores, nos casos mais simples, uma palavra será armazenada por conter apenas um morfema. Na palavra da língua inglesa *bamboozle*, por exemplo, não há nenhuma estrutura morfológica que leve a prever o seu significado. Alguém que ouve esta palavra, mesmo em um contexto em que seu sentido é claro, deve inseri-lo na memória, a fim de usá-la de novo, para então fazer parte do léxico mental do ouvinte.

Da mesma forma, uma palavra morfológicamente complexa deve ser colocada no léxico se uma parte dela é desconhecida do ouvinte. Faz-se menção, por exemplo, com a palavra da língua inglesa *hornswoggle*, em que *hosrs*, é reconhecível, mas o outro componente, *Swoggle*, não é, de modo que se o falante quiser reutilizar a palavra no mesmo sentido, deve memorizá-la em sua totalidade e aplicá-la no contexto em que se a ouviu. Ou seja, para entender o sentido de uma palavra implica conhecer os elementos que a constitui como elos significativos e estão presentes em sua formação.

### **No estudo do léxico, a característica peculiar no falar de um grupo**

Em seu Curso Básico de Linguística Gerativa, Eduardo Kenedy (2013, p. 135) abrindo o capítulo “Léxico e sistemas computacionais”, comenta que

O léxico de língua vem sendo interpretado pelos linguistas como o repositório das irregularidades e das idiossincrasias da linguagem. Essa interpretação assume que o léxico opões-se à gramática de uma língua, porque, diferentemente dessa, não é um sistema gerativo ou seja, não é criado ou dedutível por meio de princípio e/ou regras.

Esse autor apresenta o Léxico, em versão descrita pelos gerativistas, como um componente da cognição humana, tem um sentido de léxico mental e um componente da língua. O léxico, então, no entendimento de Kenedy (2013, p. 135) se constitui como “o conjunto das informações sobre morfemas, palavras e expressões que se encontram estocadas na mente humana e são acessadas pelo Sistema Computacional durante a derivação de representações linguísticas”. E, no decorrer do texto, o autor explora o que denomina “arsenal analítico básico”, pela interação entre o Léxico e o Sistema Computacional na dinâmica do funcionamento da linguagem.

Quando se refere a existência de um conjunto particular de morfemas, palavras e expressões idiomáticas, não tem dúvidas de que é um acidente histórico. O que é relevante para um falante pode não ser para outro e, nem sequer cogitado, por supor que em uma língua nunca se codificam todos os valores cognitivamente possíveis. Com isso, Kenedy (2013, p. 174), considera natural, portanto, que “os valores conceituais assumidos como relevantes numa língua sejam codificados no léxico de seus falantes, enquanto que os demais se restrinjam a usos eventuais do discurso ou sejam simplesmente ignorados.

Com o conceito de “traço lexical”, Eduardo Kenedy entende que os valores e as informações contidas no léxico individual admitem um composto de traços semânticos, traços fonológicos e traços formais. Destacam-se, nesse aspecto, os traços formais porque conduzem o sistema computacional acerca das relações sintáticas que estão presentes em determinado tópico lexical e como associam com outros itens no interior de uma sentença em que venha a ser incluído.

No artigo “O papel da metonímia na morfologia lexical”, Basílio (2011, p. 02), apresenta como ponto de partida “a questão da relevância da função denotativa do léxico e, portanto, dos processos de formação de palavras não apenas em seus aspectos de interesse para a sintaxe, mas também, em especial, em seu aspecto semântico”. Mais adiante, nas considerações sobre Léxico e Morfologia Lexical, Basílio (2011, p. 03), ressalta o papel relevante desses estudos que são “mais do que um conjunto de formas, portanto, o léxico é um sistema que contém e (re) produz formas na medida de nossas necessidades de representação conceitual e construção de enunciados para fins de comunicação”.

Quando se fala em princípio da economia, há certa concordância dos autores pois o léxico tende a ser econômico e procura minimizar as entradas lexicais por admitir tanta informação quanto possível, armazenando em âmbito geral, atento aos princípios da gramática e as informações que são imprevisíveis.

Ressalta-se também os padrões regulares e irregulares como mecanismos distintos na formação e no processamento de palavras. Nos padrões regulares de formação de palavras, com base em morfemas, está implícita uma noção automática de que o significado das palavras seja composicional. Nesse sentido, morfemas são separados e combinados para formar palavras. E como unidade portadora de sentido o morfema agrega traços específicos ligando-se automaticamente ao significado; ou seja, seria a soma dos significados de seus

morfemas componentes. Por outro lado, esse tipo de relação direta entre a forma e o significado nem sempre ocorre, que são os casos das palavras complexas. Ex.: Reader (livro) e Reader (título acadêmico britânico).

Quanto aos padrões irregulares – em termos de ocorrência no contexto, eles são imprevisíveis, o léxico deve conter, pelo menos, todas as informações que não são previsíveis a partir de regras gerais. Ou seja, são incorporadas no léxico para serem lembradas. Aparecem também os usos imprevistos nas palavras-formas que se dão em ocorrências diferentes, originando fenômenos morfossintáticos, de língua a língua, de dialeto a dialeto, conforme Kenedy (2013, p. 174). Por isso ele defende que o léxico está diretamente relacionado à cognição dos indivíduos.

### **Na formação de palavras, a criatividade linguística**

Para Kenedy (2013), a criatividade linguística dos indivíduos decorre de nossas escolhas lexicais, decidindo (inconscientemente) quais expressões e com que traços as motivações linguísticas podem ser satisfeitas. Essa intrincada relação sintático-semântica é que deve ser observada para perceber a estrutura e funcionamento da cognição humana. Haspelmath & Sims (2010) trabalham com palavras reais e palavras possíveis (ou palavras habituais e potenciais). Isso evidencia que o conjunto de palavras em uma língua nunca é fixo, pois os falantes têm a capacidade de criar, e ouvintes podem entender, um número quase ilimitado de novas palavras.

Dentre os tópicos em evidência pelos teóricos se configuram os padrões morfológicos que quando usados para criar novas palavras são chamados de produtivos, como os padrões derivacionais e flexionais, que são frequentemente produtivos. Isso pode ser ilustrado por uma exposição de Basílio (2007, p. 14), que fortalece a hipótese de que “as expressões *dar nom* e *fazer nom*” são expressões produtivas e regulares de cunho lexical, formadas com o objetivo de permitir a expressão do significado verbal derivado de um substantivo, mantendo-se as possibilidades de adjetivação e quantificação inerentes ao substantivo”. Destacam-se os sufixos flexionais produtivos: **-ed**, **-ing** e **-s**, adicionados em condições sintáticas; os sufixos derivacionais produtivos: **-ity**; os sufixos derivacionais altamente produtivos: **-ness** e **-ation**. Segundo Basílio (2007, p. 09)

O alto teor de produtividade, a previsibilidade semântica das construções e as restrições configuram uma situação padrão nas formações lexicais, indicando, portanto, a maior adequação de uma descrição desses casos em termos de padrões lexicais.

Formações construídas como “dar uma *X-da*”, apresentam a função de atenuação a se verificar nos exemplos: “João saiu”; “João deu uma saída” e formações “dar uma *X-ada*” a se observar em dar uma facada / bolsada / dentada / unhada / patada, as quais raramente apresentam um verbo correlato: \*facar, \*bolsar, \*dentar, unhar, \*patar. Nas duas construções, *X-da* e *X-ada*, os exemplos são amostras sucintas de como ambas possuem alto teor de produtividade e previsibilidade.

Percebe-se também a presença de um fenômeno chamado bloqueio, visto por Aronoff & Anshen (2001, p. 240) como fator psicológico, já que o bloqueio está sujeito aos caprichos da mente. Esta construção é mais comum em crianças que empregam livremente novas palavras como *famouness* ‘fama’ e *liquidize* ‘liquidar’ sem hesitar. Na maioria dos casos, porém, o falante usará uma palavra a partir de seu léxico ao invés de recorrer à morfologia para produzir uma nova palavra com o mesmo significado.

Fatores como a sinonímia, frequência e velocidade concorrem para a existência de bloqueio. No caso dos sinônimos que as línguas tendem a evitar, Aronoff & Anshe (2001, p. 239), se referem a “não ocorrência de uma forma devido a simples existência de uma outra”. Uma palavra da língua inglesa como *furiosity* ‘fúria’, na língua portuguesa, será uma forma bloqueada pela existência *fury* ‘fúria’, que já existe no léxico de um falante. Todavia isso não impede a formação da palavra, prevalecendo como opção de uso a palavra em seu modo já inscrito, admitindo-se o fenômeno de bloqueio quando esgotadas todas as hipóteses de restrição. Pode-se dizer que o trabalho do bloqueio é tornar a nova palavra inaceitável, dado a existência de outra palavra com sentido equivalente e já armazenada na mente do falante/ouvinte, que a aciona para uso.

Quanto ao fenômeno da frequência de uma palavra na língua vai prevalecer aquela que for mais utilizada no processamento de palavras, a que for acessada mais rapidamente do que as palavras empregadas com menor frequência. De modo geral, a forma mais usada frequentemente é a mais resistente, tornando-se ao longo do tempo uma forma regularizada.. Haspelmath & Sims (2010, p. 73), também falam em frequência (e segmentabilidade e allomorfia) que consideram relevante para o acesso ao léxico

Num sentido básico, as entradas lexicais (palavras e morfemas) que são usadas mais frequentemente -i.e., itens que têm uma frequência simbólica mais alta- são mais firmemente estabelecidas na memória de uma pessoa e têm uma representação mais forte no léxico. Diremos que essas palavras têm uma força de memória maior. Aquelas que são menos usadas têm menos força de memória.<sup>7</sup>

Citam, como exemplo, a palavra *deglamorize* ‘deglamorizar’, surgida em 1943, ainda que usada repetidamente nesse tempo, não se tornou parte do léxico inglês. Na mesma época, a palavra *decolonize* ‘descolonizar’ surgiu e foi bem mais bem sucedida, os falantes de inglês hoje em dia a conhecem e tornou-se uma palavra verdadeiramente real do inglês. A frequência tem efeito sobre uma palavra complexa que é dada diretamente no léxico.

Em se tratando de velocidade Aronoff & Anshen (2001, p. 241), e demais trabalhos de autores, ora citados, entendem que a busca para o bom uso da palavra pode ser visto como uma relação entre o léxico mental e a morfologia. Ambos operam simultaneamente, e a mais rápida ganha. Se é verdade que a velocidade de acesso lexical para o indivíduo ao armazenar palavras irregulares, é proporcional ao logaritmo de sua frequência, implica dizer que a palavra irregular mais usada, em comparação com a sua base, o mais provável será o de bloquear a morfologia. Neste modelo não há interação entre o léxico mental e a morfologia, pois é possível isolá-los separadamente na medida em que este fenômeno aparece.

### À guisa de breve conclusão

Nesse conjunto de informações relacionados à morfologia e ao léxico, no que se refere à formação de palavras, há de se ressaltar que o conteúdo do léxico é importante para qualquer teoria da morfologia, uma vez que o léxico é fundamental para o entendimento morfológico, e nele estão as bases para que qualquer regra morfológica seja aplicada. E conhecer uma lista de palavras não atende às exigências para uso eficaz da língua, são necessárias combinações várias para a escolha de uma palavra a ser acionada no dicionário mental e para a formação de palavras que, posteriormente, serão ou não armazenadas no léxico do indivíduo, como bem expuseram os autores que compõem este estudo.

---

<sup>7</sup> In a basic sense, lexical entries (both word forms and morphemes) that are used more frequently – i.e. items that have a higher **token frequency** – are more firmly established in a person’s memory, and have a stronger representation in the lexicon. We will say that these words have greater **memory strength**. Those that are used less have less memory strength.



## REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark; ANSHEN, Frank. Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In: Spencer, Andrew; Arnold M. Zwicky. **The Handbook of Morphology**. Blackwell Publishing, 2001, p. 237-247.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **O papel da metonímia na morfologia lexical**. ReVEL, edição especial n. 5, 2011 [www.revel.inf.br].

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. **Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER**. In: Congresso de Letras da UERJ – SG, 2007. Anais do CLUERJ – SG. Rio de Janeiro: Botelho Editora, 2007.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. **Understanding morphology**. 2nd edition. London: Hodder Education, 2010.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

## SOBRE AS AUTORAS

### *Délcia Pereira Pombo*

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará - Campus do Marajó/Soure (2004), Especialização em Língua Portuguesa (UFPA/2006), e mestrado sanduíche pelo Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) da Universidade do Estado do Pará (2014) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professora na Secretaria de Educação do Estado do Pará (2000), da Secretaria Municipal de Educação em Concórdia do Pará (2010) e Professora Colaboradora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (UEPA). Bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação (2016). A atuação profissional tematiza a Língua Portuguesa, Linguística, Análise do Discurso, Literatura e Educação na Amazônia. Pesquisadorado Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/2012) e membro do Grupo Práticas discursivas e vocações enunciativas: a centralidade da linguagem em contextos de trabalho (UFPA/2017). Revisora da Revista Sentidos da Cultura (CUMA/PPGED/UEPA). Vice coordenadora do GT Literatura Oral e Popular da ANPOLL (2018-2020). É doutoranda em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA/2016), sob a orientação da Profa. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa.

### *Aline Batista Rodrigues*

Possui graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2007), Especialização em Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa (2009) e Mestrado em Linguística, na área de concentração Ensino-Aprendizagem de Línguas pela Universidade Federal do Pará (2012). Cursa doutorado em letras na Universidade Federal do Pará (2016). Atualmente é Professora concursada pela Prefeitura Municipal de Belém, além de atuar na docência superior na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas:

ensino-aprendizagem; leitura; estratégias; subjetividade; escrita- reescrita e análise do discurso.

Recebido: 15/06/2018

Aprovado: 15/09/2018